

Jornal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—26 DE NOVEMBRO DE 1882—N.º 40—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 re.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor

SUMMARY

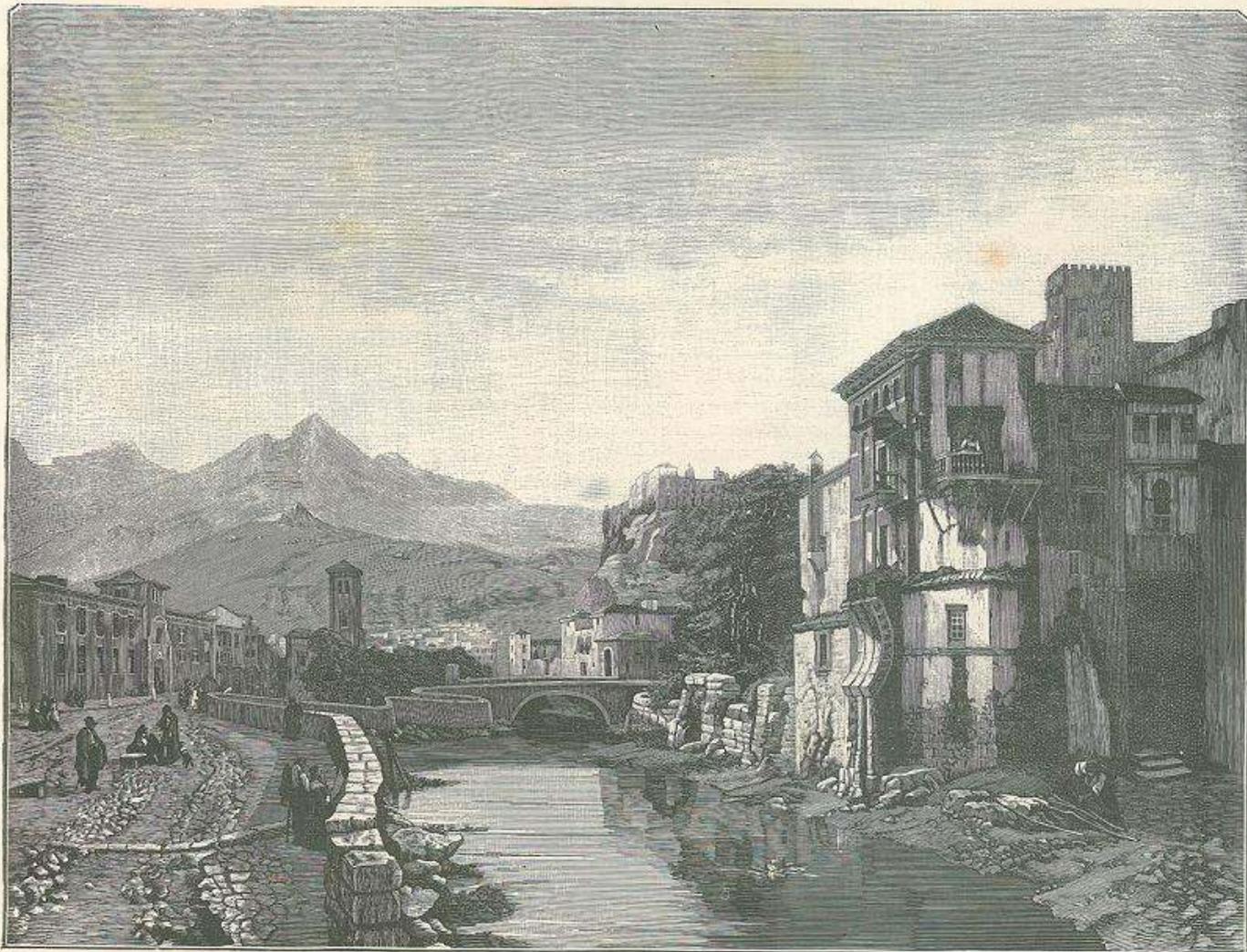
GRAVURAS: — Granada, vista tomada sobre o Darro. Chorando. A reprehensão. As couraças enchumaçadas dos Mosgos-negros
TEXTO: —Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por P. C. O Domingo dos Bébés, por Cypriano Jardim. Horas d'ocio
O archote de Penmare'h, por Julio de Magalhães. Rosicler. D. Evornia

ACTUALIDADES

Appareceu nos livreiros de Lisboa a these de Pinheiro Chagas para o concurso á cadeira de litteratura antiga do curso superior de lettras.

candidato, d'essa these, nem d'esse concurso, e por isso callar-me-hei muito bem callado sobre esses tres assumptos—silencio de que me desforrarei algures—mas o curso superior de lettras tem para mim recordações muito queridas, prende-se muito aos annos mais alegres da minha mocidade, para que eu

Eu sei perfeitamente que este systema de impingir historias do passado, dá-me uns ares veneraveis de respeitavel ancião, mas esses ares vão deliciosamente com a minha calva, e ha tanto prazer em revolver reminiscencias dos annos alegres que passaram, que realmente não penso um momento em re-



GRANADA—VISTA TOMADA SOBRE O DORRO

O nome do director d'este jornal, não me permite, comprehendem facilmente, o fallar aqui d'esse

passo assim por elle como cão por vinha vindimada, e não passarei, tenham santa paciencia.

sistir a esta pecha de velho, entrego-me a essas recordações, importando-me pouco com a certidão de

idade que ella me dá, tanto menos quanto essa certidão é tudo o que ha de mais falso, digo-o bem alto, com toda a vaidade das minhas trinta e duas primaveras.

Pelo sim pelo não, vamos pondo os pontos nos ii.

Eu tenho as mais agradáveis recordações do meu tempo de collegial e de estudante: nunca apanhei uma reprovação, o que prova que em pequeno não era demasiadamente tolo, e nunca tive premios, o que ás vezes prova a mesma coisa: do collegio do Godinho tenho a recordação de ter dado um respeitavel socco n'um rapaz que hoje é um respeitavel deputado ás cortes, e de ter visto em *deshabillé* extremamente ligeiro,—espreitando pelo buraco de uma fechadura, diga-se em honra de nós ambos—uma gentil rapariguinha que hoje é uma gorda actriz—: do Lyceu tenho a suave recordação de ter perdido dois annos consecutivos por faltas que dava logo no primeiro mez, para não estar com mais massadas, e para ir passear á feira da ladra: da explicação de mathematica do pobre Murinello, a recordação mais mathematica que me resta, é a de ter jogado a pancada com um macaco, enquanto o Cesario Dias,—um dos rapazes de mais expontanea graça que tem Lisboa—demonstrava na pedra, que não percebia uma palavra de geometria: da velha aula do Commercio o que mais me lembra é das settas de papel com que eu fazia S. Sebastião do nariz do pobre Sampaio, que tinha uma pachorra evangelica para nos aturar a nós todos em geral, e a mim em particular.

Pobre Sampaio! N'esse tempo o livro por onde se estudava na aula d'elle era o *Guarda livros moderno*, isto é, o livro mais antigo e sebento que tem passando pelas escolas portuguezas.

N'esse livro figurava-se uma escripturação commercial de uma sociedade qualquer, e lá a certas alturas, morria o socio, unicamente, de caso pensado para atrapalhar a escripturação.

Como vêem era um *guarda livros tragico* aquelle compendio.

O Sampaio seguia á risca o compendio, e quando chegava a essa lição, prevenia gravemente os discipulos.

—Meus senhores, previno-os, de que na proxima sexta-feira morre o nosso socio o sr. Beltrão.

Nós ficámos prevenidos. Chegou a sexta-feira fatal. O Sampaio entrou para a aula, sentou-se na sua cadeira, procedeu á chamada, e depois começou:

—Meus senhores, morreu o nosso socio.

Elle a dizer isto e um charivari medonho a rebentar na sala. Estava tudo combinado sabiamente. As janellas fecharam-se como que por encanto, das nossas algibeiras sabiam campanhas enormes, que dobraram a finados com uma afinação, que muitos sineiros invejariam, desatámos todos a chorar n'um grande berreiro.

—Morreu o nosso socio! An! An! An! Coitadinho do nosso socio! An! An! An! Queremos para aqui o nosso socio! An! An! An!

Foi um escandalo enorme. O bom do Sampaio agitava estupefacto a sua campanha de professor, cujo som se perdia no oceano das nossas campanhas; o porteiro assombrado abriu a porta a ver o que era aquillo, mas um de nós—palavra de honra que não fui eu—metteu-lhe o pé adiante, o desgraçado estatelou-se no meio do chão, enquanto nós nos safámos a bom correr pela porta entreaberta,

e o Sampaio accendia phosphoros para descer do seu estrado.

No dia immediato nenhum de nós poz pé na aula: mas o excellente Sampaio, que era um bom homem ás direitas, perdoou-nos tudo aquillo, e o curso continuou sem que houvesse um só castigado!

De todas as recordações de estudante porém, as mais alegres, repito, e as que tenho mais frescas ainda na memoria, apesar de passados uns bons quatorze annos, são as do curso superior de lettras.

No começo do nosso curso eramos muitos, eu sei lá, mais de vinte: ao fim d'elle chegámos apenas quatro: o visconde de Porto Carrero, o Souza Monteiro, o Serrão de Faria e eu.

Mas por esse caminho fóra, em que nos fômos alijando dos condiscipulos, que immensidade de episodios comicos!

Por exemplo, o episodio do Silva: esse é realmente extraordinario.

Era na primeira cadeira, a de Historia Moderna, que Jayme Moniz regia com todo o brilho do seu talento enorme e da sua eloquencia excepcional.

O assumpto do curso n'esse anno, era a Revolução franceza e a Revolução ingleza. As lições eram á noite, e eram tão notaveis, tão extraordinarias que uma noite aconteceu-nos isto, que é o elogio mais eloquente e frisante que discipulos podem fazer a um professor.

Tratava-se de Mirabeau! Jayme Moniz começara um pouco mais tarde a sua lição, que devia terminar ás 8 horas da noite. Eu e o Portocarrero tínhamos uma torrinha para S. Carlos, onde n'essa noite cantava pela primeira vez o Fausto, uma cantora de grande fama.

A lição começou, e nós olhávamos anciosos para o relógio, á espera do momento de sahirmos d'alli e de irmos para S. Carlos. Jayme Moniz principiou a desenhar a largos traços vigorosos com a elegancia fascinadora da sua linguagem, do seu talento e da sua voz prodigiosa, a physionomia do grande orador francez. As palavras sahiam-lhe em torrentes dos seus labios, o seu bello olhar tinha irradiações singulares, a sua voz uma musica extranha. E fallou, fallou, fallou sem parar um minuto, levando-nos arastados, fascinados, maravilhados atraz do seu verbo eloquente, vertiginoso, excepcional. E a hora passou e ninguem deu por isso. Finalmente Jayme Moniz levantou-se. Eram 9 horas e meia: metade do *Fausto* já lá ia. Nós olhámos um para o outro, com uma grande expressão de pesar, mas esse pesar não era o de ter já principiado a opera de Gounod, era o de ter já acabado de fallar Jayme Moniz.

Creio que na historia dos grandes triumphos da eloquencia ha poucos casos eguaes a este: não pela capacidade dos vencidos, mas pela sua qualidade de discipulos, de ouvintes obrigatorios, de rapazes que tem um theatro á sua espera.

Lembro-me agora que já contei algures, porventura aqui mesmo, não sei, este facto; é que elle impressionou-me tanto, deu-me uma tão alta idéa do poder e do brilho do esplendido talento de Jayme Moniz, que nunca mais o esqueci, e que me accode insensivelmente aos bicos da penna logo que revolve as minhas recordações academicas.

Mas esta historia foi apenas um incidente no caso

comico que me propunha a contar, e que era o caso do Silva.

O Silva era um rapaz de luneta, bigode preto, dentes salientes, e chale-manta enxovalhado, que se matriculara no curso com uns grandes ares de sabio profundo.

O systema das lições era o seguinte:

Jayme Moniz expunha durante umas tantas noites a fio, e depois chamava qualquer alumno á lição.

Uma bella noite Jayme Moniz chama o sr. Silva á lição.

—Tem a bondade de dizer alguma coisa sobre João Huss e a refôrma religiosa.

O sr. Silva levanta-se, desembrolha-se do chale, comprimenta, passa para traz da cadeira, encosta-se a ella e começa:

— *On n'arrête pas la pensée d'un siècle*, disse um escriptor notavel. A revolução franceza deu-se porque não se podia deixar de dar. Maria Antonietta, essa tão formozza, quão infeliz princeza...

— Perdão, perdão, isso é muito bom, mas não é para agora: eu pergunto-lhe alguma coisa sobre a refôrma religiosa.

O Silva ainda balbuciou:

— *On n'arrête pas la pensée*...

Mas a cara do illustre professor, fêl-o calar e sentar-se.

Passadas noites, o Silva é chamado á lição. Tratava-se dos encyclopedistas.

—Tem a bondade, diz-nos alguma coisa sobre o movimento philosophico do seculo XVIII.

O Silva ergueu-se.

— *On n'arrête pas la pensée d'un siècle*... Maria Antonietta, essa tão formozza quão... quão...

—Perdão, isso ainda não é agora... eu fallo do movimento philosophico.

E o Silva continuou:

— Quão... quão... quão...

D'ali a muitas noites nova lição.

—Sr. Silva queira dizer-me alguma coisa ácerca de Turgot e de Necker, os seus systemas financeiros e...

O Silva pôz-se em pé como movido por uma mola e sem deixar concluir a pergunta irrompeu:

— *On n'arrête pas la pensée d'un siècle*. Maria Antonietta essa tão...

— Queira ter a bondade de se sentar.

E o Silva sentou-se murmurando tão... tão... tão...

E d'ahi em diante nunca mais vi no curso nem no mundo, o Silva, o seu chale-manta, e essa tão formozza quão infeliz princeza.

* * *

Os casos comicos pullulam nas minhas recordações. Não tenho remedio senão pôr-lhes um dique para não encher o jornal todo com estas historias, que no fim de contas pouco ou nada interessam senão áquelles a quem fazem reviver umas noites, que já lá vão ha que annos.

Para terminar, para dique, a historia do Mendes preto, que eu encontrei já no primeiro anno ha muitos annos, quando entrei para o curso, e que deixei no primeiro anno, por muitos annos ainda, quando o terminei.

Esse Mendes preto era militar e tinha uma especialidade—as Bernardas.

Era já sabido, em noite de ser chamado a lição havia Bernarda em Lisboa.

Elle não faltava nunca, era punctualissimo, e bem

bom rapaz e alegre que elle era, mas lá para a historia e para a litteratura uma negação prodigiosa.

Em noites de lição, o Mendes vinha ao curso, isso vinha, mas entrava nas escadas já com um ar grave, sombrio, preocupado.

— Temos revolução hoje, diziamos nós uns para os outros.

Elle aproximava-se, fallava-nos e dizia-nos em segredo, mysteriosamente e obsequiosamente como quem faz um grande favor:

— Vocês sabem? Hoje, Bernarda. Vae por ahi o diabo: e as tropas tem ordem de ficar em quartéis.

— Já sabiamos, diziamos-lhe nós ás vezes, muito convencidos.

— Já sabiam? O que é que vocês sabiam? perguntava então elle muito intrigado.

E depois ia por ali dentro, ter com o professor e dizer-lhe muito sério:

— Peço perdão a V. Ex.^a, mas hoje tenho que sair já: falta-se ahi em revolução e nós temos ordem de ficar em quartéis.

Outra lição, outra Bernarda. No fim do curso já eram tantas as Bernardas que podiam desposar um convento de Bernardos cheio. Por fim uma noite, o Mendes preto, foi apanhado d'improviso. Não estava annunciada lição, mas de repente o professor chama-o.

O Mendes preto faz-se vermelho, verde, azul, e por fim balbucia:

— Eu peço perdão a V. Ex.^a, mas a tropa hoje tem que ficar em quartéis.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Granada — Vista tomada sobre o Darro

Granada é uma cidade fecunda em maravilhas, são de tal modo numerosas que teriamos de parar a cada passo para as admirar.

Temos aqui em primeiro logar a ponte do rio Darro do rio de areias de ouro. Nada ha mais simples, mais elegante, nem mais original do que essa ponte que data do dominio musulmano na peninsula iberica. As casas que a rodeiam parece que tem golas e cabeções, com os seus frisos lavrados e as suas varandas recortadas. Foi essa ponte que Boab-dil atravessou pela ultima vez quando saiu de Granada para nunca mais voltar. Chegado á collina que alli se levanta de frente de nós, o rei proscripto parou, lançou um ultimo olhar para a sua cidade, para o seu palacio, para o seu reino, e exhalou a sua dôr em gemidos e lagrimas. Esta collina tem ainda hoje o nome de «Ultimo suspiro do Mouro.» E durante muito tempo os mouros de Africa e de Hespanha vieram a estas montanhas chorar a perda de Granada, e a sua grandeza extincta.

Não fallemos da cidade dos Abencerragens sem dizer uma palavra da sua Alhambra.

O nome de Alhambra significa em arabe «cidade vermelha,» e o palacio dos khalifas, uma verdadeira cidade, era effectivamente quasi todo feito de tijolos. Esse monumento sumptuoso está assente n'uma das extremidades de Granada, n'uma collina que banha o Xenil e o Darro, e em torno do qual se estende uma planicie tão formosa que os mouros a consideraram um paraizo de Mahomet.

Diz a tradição que a Alhambra brotou do seio da terra, uma linda manhá, juvenil, immortal e já ornada com todas as suas graças, decorada com todas as suas maravilhas.

E como acreditar effectivamente que a mão dos homens poderia crear tantas bellezas?

E' n'essa Alhambra, paraizo terrestre da Hespanha que a civilização arabe está toda concentrada e symbolizada, com as suas primorosas delicadezas; com os seus requintes e as suas incomparaveis elegancias que não tinham outros limites que não fosse o impossivel. Tudo o que a industria podia crear mais maravilhoso se reunia n'essas magicas habitações.

De todas as cidades da Hespanha, Granada é aquella em que o dominio mourisco deixou mais fortes vestigios. O poeta Byron chama-lhe a cidade arabe. Parece que o Mouro ainda partiu na vespera. Ha casas em que ainda se encontram os moveis do tempo do Boabdil. O caracter arabe encontra-se tambem n'esses Granadinos, que são, a um tempo, scismados e poetas, meigos e melancolicos, e preguiçosos com delicias.

Chorando

E' este um dos mais formosos quadros, que a gravura tem reproduzido. Não carecemos de desenvolver o assumpto, o pintor fez por tal forma expressiva a physionomia, que é mais eloquente o seu pincel, fielmente seguido pelo buril do gravador, do que o podia ser a nossa palavra.

A Reprehensão

Pouco temos a dizer d'este quadro. Conta um commentador francez da gravura, que esse sujeito que ralha é um santo ermita, que esse ermita possuia um cão, que esses dois rapazes lh'o maltrataram, e que o santo ermita lhes pregou por esse facto uma reverenda descompostura. Aceitamos perfeitamente a versão, mas o que nos parece é que o eremiterio do honrado homem não é perfeitamente um eremiterio da Thebaida: na parede ha uns quadros que não deviam ser nada mais, um bom relógio, e o proprio cão, que vemos dizel-o, é um cão de luxo, antes do que o fiel companheiro de um bom ermita que vive nas montanhas. Não nos parece tambem que o homem seja um asceta de primeira ordem, a sua cara gorda, luzidia, e primorosamente barbeada, as suas formas robustas, e nada emmagrecidas pelos jejuns denunciam um sujeito que cuida das suas commodidades, o que tambem aliás se pode ver na abundancia de utensilios de cosinha. O que esse maganão nos parece é um sujeito que se escapou ao recrutamento com o pretexto um pouco frivolo de ir rezar a Deus e aos santos para uma confortavel solidão.

Se os pequenos, que elle fulminava com a sua predica, soubessem já raciocinar, podiam talvez responder-lhe: «E' certo que fizemos mal torturando um pobre cão, e damos por esse lado as mãos á palmatoria; mas não nos venha fallar em preguiça o senhor, que, em vez de cumprir os deveres que todo o homem tem para com a sociedade, explora a credulidade alheia, arrancando-lhe o sufficiente para viver aqui á farta e regaladamente, com o seu cãozinho aristocratico, o seu relógio, e o seu grande guarda-chuva, com que se resguarda cuidadosamente do sol no verão e da chuva no inverno. Para que serve o senhor n'este mundo? Se o senhor se mace-rasse, e se penitenciasse, não servia para coisa alguma, é certo, mas via-se ao menos que erra sincero, sacrificava-se pelos outros, abaixo do seu ponto de vista, padecia porque suppunha que as suas orações assim seriam mais acceitas de Deus omnipotente, e que portanto podia proteger os outros que se agitam nos baldões do mundo, mas, assim,

nada faz e para nada serve. E' um parasita social, é um ermita de luxo, como o seu cão tambem, e, se nos não é licito maltratar, pelo simples prazer de maltratar, uma creatura viva, é certo que você e elle mereciam cada um dois pontapés, que os ensinasse a elle a ganhar o seu sustento, tornando-se util ao homem, ou como cão de guarda, ou como caçador, ou como salva-vidas, ao senhor, a pegar n'uma enxada e a revolver a terra, em seu proveito e em proveito dos outros, em vez de se ficar imergindo em meditações perfeitamente estereis!»

Como os pequenos não sabem dizer isto, ficam de orelha baixa, e o bom do ermita, que mais parece um bom abbade italiano dos romances de George Sand, vai-lhes arrumando o seu sermão muito bem arrumado.

As couraças enchumaçadas dos Musgos-Negros

As explorações do continente africano tem enriquecido com importantes descobertas a anthropologia ethnologica, e encon raram no armamento dos povos selvagens do centro da Africa certas analogias com o systema de equipamento dos nossos cavalleiros da Meia-Idade.

Assim, os negros do Soudan meridional servem-se, para a guerra e para as caçadas dos elephantes, de espadas pezadas, direitas e de dois fios, taes como as que estavam em uso nos seculos XII e XIII. Suppõe-se que foram commerciantes europeus que levaram para alli essas armas.

Mas são sobretudo as couraças enchumaçadas dos Musgos-Negros—de que a nossa gravura dá um specimen—que offerecem no seu conjuncto mais semelhança de forma com o armamento dos cavalleiros da Idade Media.

Estes Musgos-Negros são um povo essencialmente guerreiro; o seu fato compõe-se de um avental de coiro que lhes cinge os rins.

As suas armas são o dardo, a lança e o punhal; e as couraças enchumaçadas de que se trata são feitas grosseiramente de pau, e forradas por dentro de algodão; parecem longos vestidos que cobrem todo o corpo da cabeça até aos pés. Estas couraças, apezar de serem muito disformes, garantem perfeitamente os que as usam contra as frechas, os dardos e as pedras das fundas.

Os cavallos dos cavalleiros estão cobertos de um equipamento semelhante ao dos seus donos; esse equipamento compõe-se de duas partes: a primeira protege o pescoço, o peito, as ilhargas e as patas da frente e a segunda a parte posterior do corpo.

P. C.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÕES HONESTOS

(Contos)

O PAE PRODIGO

Até ás dez horas da noite, ainda se passava bem.

A Emilita vinha ler a sua lição para junto da mamã, e durante aquellas tres horas, no silencio quente do quarto de vestir, alumiado pela luz coada no vidro fôcco do globo, era bom estar alli, a ouvir a voz pequena da Mimi, lendo a lição do velho Testamento, em quanto a mamã, erguendo, de vez em quando, a cabeça de cima do seu crochê, lhe gritava reprehensiva:

—Ponto!

A Mimi parava então na sua carreira, olhava para a mãe, dava uma inflexão diferente á ultima palavra que pronunciara, e começava outro periodo.

E, no novo silencio que se succedia á nova observação, ouvia-se, na parede forrada de papel cõr de ervilha, o relógio em cône truncado, com cercadura de metal branco, n'umas oscillações de pendula

—Lê com pausa, Mimi: assim nem entendes a historia.

—Entendo, entendo:—e, para convencer a mãe:

—Eu cá, se tivesse um mano, e elle se fosse em-



CHORANDO

Mas não tinha emenda; d'ahi a pouco já ella ia de novo a correr por alli fóra, cada vez mais depressa a dizer as palavras umas atraz das outras, sem virgulas, sem nada, até que a mãe, já quasi afflicta:

—E Jesus, Mimi!... ponto! ponto final!

Uma cabeça de vento!

muito curtas, as pancadas muito repetidas, como que a aconselhar á Mimi a maldita pressa com que ella devorava aquella historia triste do *Filho Prodigio*, d'aquelle filho que não soube viver com tanto que o pae lhe dêra, para depois voltar para casa, todo arrependido da sua vida de doidices...

bora, tambem lhe fazia festas como as manas do filho prodigo lhe fizeram a elle, quando voltou, todo rôto...

—Ha mais filhos prodigos por ahi,—murmurou a mãe:—mas, continua! E vendo a filha com uns olhos muito abertos para ella, curvou logo a cabeça para

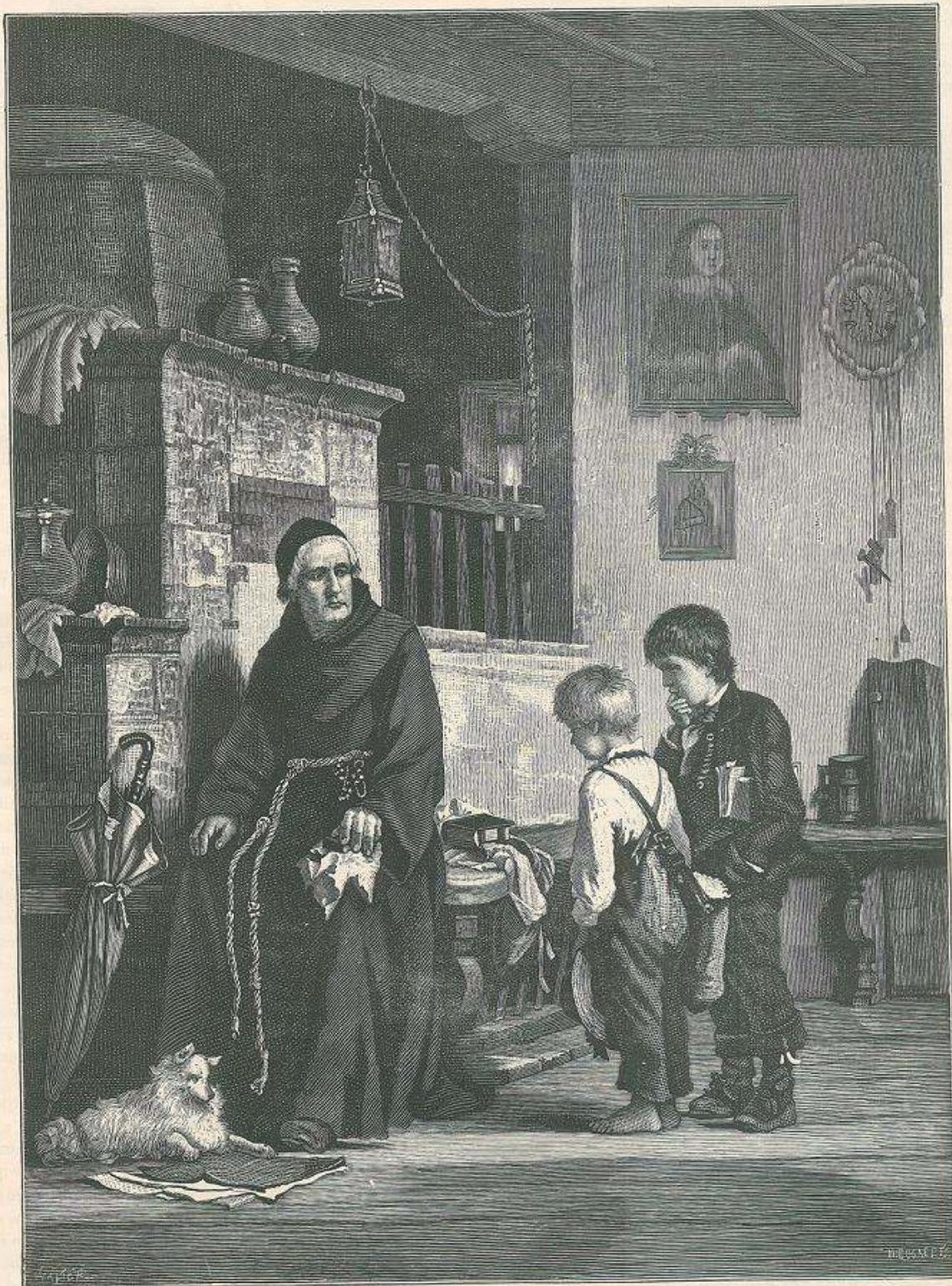
o seio, e começou a trabalhar muito depressa... arrependida já do que dissera.

O pae da Mimi não era, a final de contas, um mau marido.

gavam as saias da mulher, e elle, realmente, não queria ser d'esses taes.

Por isso apparecia, andava por fóra, e só se recolhia depois da meia noite, apesar do profundo aborrecimento em que levava no Gremio, quatro, cinco horas a fumar charutos maus, e a jogar umas parti-

Era um bom rapaz, por fim, mas, que diacho!... era preciso passar as noites assim, por fóra, porque elle não queria ser dos taes maridos caseiros, mulherengos. As duas, mãe e filha, bem o conheciam; a mãe, sobretudo, mulher intelligente e boa, comprehendia aquelle vicio de educação, e só pen-



A REPREHENSÃO

Estimava até, e muito, a mulher e a filha. Mas gostava tambem muito de S. Carlos, do Gremio.

Depois fóra educado n'uma roda, em que não abundavam os maridos exemplares; contava-se até, por lá, anedoctas picantes de esposos muito caseiros, sujeitos que ninguem via na rua, que não lar-

das de bilhar, muito monotonas, com uns brazileiros cheios de presumpção, e de syllabadas de trapiche.

Assim, elle experimentava um grande allivico, alegre-se, quando chegava a meia noite; vinha para casa depressa, com vontade de ver a mulher que o esperava, coitada!... e a filhita, a pequena que já devia estar a dormir desde as dez horas.

sava nos raciocinios que a filha havia de fazer todas as noites, quando se ia deitar sem ver o pae até ao outro dia ao jantar, quando voltasse do collegio, durante uma ou duas horas apenas. Porque... era sempre o mesmo.

Chegava a pequena, jantava-se, depois elle, vestia-se, dava um beijo na filha, e nunca mais era vis-

to por ella, até á tarde do dia seguinte. Parecia mais uma visita, do que pae.

Por isso, n'aquella noite, depois da historia do *filho prodigo*, parece que se estabelecera uma intima intelligencia entre a mãe e a filha, e a Mimi começou a demorar-se na leitura, a ter distrações; parava até, por vezes, a olhar para a mãe com uns olhos muito reflectidos, como se soubesse tudo o que a mãe estava pensando...

Depois continuava, mal a mãe erguia a cabeça, para suspender de novo a leitura, quando qualquer sussurro exterior, podia revelar a vinda do pae.

Chegavam os vizinhos pouco a pouco: ouvia-se uma carruagem; duas, tres argoladas pelas portas da rua; o relógio a dar as dez, as onze... E as duas olhavam-se como que a communicarem-se os intimos pensamentos de solidão, de desamparo, á espera de quem não vinha.

Por fim a mãe:

—São onze horas, Mimi; já devias estar deitada ha uma hora: vamos!

—Querias esperar pelo papá!

—Não pode ser, filha:—e, mentindo: o papá foi ver um amigo que está muito doente; não virá hoje tão cedo, e tu tens amanhã collegio, vamos!

Foi, mas não dormio; do seu pequeno leito, collocado n'um quartito vizinho, Mimi via perfeitamente a mãe, sentada de novo ao pé da meza, com a cabeça inclinada ao peito, e as mãos paradas no regaço. Pareceu-lhe até ver que a mamã erguia o seio com certa pressa, como se chorasse...

Passára-se quasi uma hora n'aquelle silencio; ouviu-se bater a porta; a mãe levantou-se, chegou á janella, e, erguendo a cortina, olhou por dentro dos vidros.

Era o pae; entrou, e foi abraçar a mulher:

—Ainda não deu meia noite; hoje venho cedo!...

—A Mimi queria esperar por ti...

—Porque não deixaste?—e quiz ir á camita da filha. Mas a esposa, detendo-o:

—Espera!... não a acordes, que eu menti-lhe, cuidando que viesses tarde... como é costume... tu vens sempre depois da meia noite...

Mimi ouviu, comprehendeu, abriu uns grandes olhos, mas fechou-os logo. Era preciso que dormisse, que não tivesse ouvido. O pae continuou:

—Mas para que lhe mentiste? Eu estive no Gremio!

—Bem sei, mas, como a pequena ás dez horas não quer deixar-me sósinha... eu digo-lhe sempre que estás a chegar, e ella deita-se socegada... Que queres?... ella é tão minha amiga!

—E minha, não? Vaes ver!... Vou dar-lhe um beijo, e ella, como costuma, vae dar-me um abraço, mesmo a dormir! Vaes ver!

E dirigiu-se ao quarto da filha; mas Mimi, mal o pae se chegou ao leito, metten-se logo pela roupa abaixo, e, lá do fundo, toda enroscada com uma voz muito clara, decidida:

—Eu já não dou abraços depois das dez horas!...

Passados tempos, a mãe da Mimi, contando o caso a uma sua amiga, acrescentava:

—O pae foi deitar-se muito serio, amuado: mas a verdade é que de então para cá, nunca mais voltou para casa depois das dez horas da noite.

CYPRIANO JARDIM.

HORAS DE OCIO

CHARADA

I

Junta a terra subtil nas mãos da arte,
Dá-te a primeira variadas cores—2
Preza a segunda ao jugo em toda a parte,
Só corre em liberdade entre os pastores—1
Comigo, ó Cintra, a sorte não reparte
Os teus bosques, tão proprios aos amores,
Tu te adornas de verdes castanheiros,
Eu pago com meu fracto aos pomareiros.

II

Tudo que o sol aquece, e agita Eolo
Reduzidos a mim assim fenecem,—1
C'óas cores que da China presta o solo
Um val pintando aquillo que outros tecem.—1
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está continuo pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

III

Esquecem-me os teus desprezos,
Esquecem-me os meus cuidados,
Quando soltas a primeira
Com teus dedos delicados—1

Sou emblema de venturas,
Se me forma o coração,
Mas se a dever só me forma,
Sou digno de compaixão—1

Grita sempre o venturoso
Que lhe roubo sem piedade
Dos poucos annos que vivo
Quasi de certo metade.

Mas é elle que eu procuro,
Elle me pode gozar,
Porque poue sem cuidados
Nos meus braços descaçar.

Ao contrario, o descontente
A quem a sorte persegue,
Por mais que em vão por mim chame
Quasi nunca me consegue.

JONATHAN.

ENIGMA

Sou pequena, quatro letras,
no meu todo se contem,
são eguaes a prima e a quarta,
segunda e terceira tambem.

Escuta, leitor amigo,
que, muito embora invertida,
sou uma fera pequena,
porém assás atrevida.

Pergunta enigmatica

Qual a cidade da Europa mais blasfema, e qual a mais crente e fiel á religião?

(LISBOA)

MANUEL ANTONIO COELHO ZILBÃO

Soluções dos problemas do n.º 34

Logogripho — Jornal do Domingo.
Charada — Pérola.

Do n.º 35

Charada enigmatica — Seara.
Logogripho — Secretaria.

O ARCHOTE DE PENMARC'H

LEGENDA DA BRETAGNHA

(Versão portugueza de Julio de Magalhães)

(Continuado do numero anterior)

«—Oh! não... não pode morrer! respondeu Yvonne. Se tal acontecesse, morreria eu tambem, e Deus, que é bondoso e justo, não pode querer que eu morra em tão verdes annos!... Mas expulsemos para longe de nós essas ideias tristissimas.

«—Tens razão, filha; pensemos só na minha cura... Logo que consiga levantar-me d'esta cama, hei de lançar-me ao trabalho com ancia... Diz-me um presentimento, que hei-de ser mais afortunado, do que nos ultimos tempos tenho sido... Depressa hei de ajuntar o teu dote, e o nosso René será teu marido... D'este modo ficarão cumpridos os nossos desejos... Mas olha que a velhice é exigente, filha; hei de pedir-vos uma coisa, que não podereis recusar-me... Quero uma cabana ao pé dos meus filhos... quero estar sempre perto de ti, minha querida Yvonne... verás filha que não hei de incommodar-vos nunca, nem fazer-vos pezo... Quero ter a suprema ventura de te ver feliz e contente... Os velhos precisam que o sol os aqueça... o meu sol és tu, filha... Oh! que vida... que feliz vida ha de ser a nossa, Yvonne!

«—Sim, sim, ha de ser encantadora! respondeu a formosa rapariga sorrindo. O meu querido pae ha de viver tantos annos como viveu Mathusalem...

«O bom velho, dominado pelo intimo jubilo, que lhe conserva a esperanza de um futuro mais venturoso, adormeceu insensivelmente.

«Perto da noite, porém, todas aquellas esperanças cahiram por terra, como cahem as flores da macieira, que o vento sacode furiosamente... Legoello sentiu que se apoderava d'elle subitamente um terrivel accesso de fraqueza.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou elle. Chegou a hora suprema... Vou morrer... Filha, filha! vae chamar o medico, e traz tambem contigo o sr. reitor.

«—Sente-se peor, meu pae? exclamou Yvonne com afflicção.

«—Muito peor!... Sofro horivelmente... Vae, filha... vae depressa!

«Soffocada pelas lagrimas, a pobre rapariga sahio de casa correndo.

«—Oh! vou morrer! disse o velho em voz alta, e com expressão de desespero. Vou morrer sem deixar garantida a sorte futura da minha filha!... Queria a felicidade de Yvonne a trôco da salvação da minha alma.

«—Está accete o contracto, disse uma voz, que o velho aterrorisado reconheceu immediatamente.

«—Deixa-me espirito infernal!... Vae-te, Satanaz! murmurou elle com voz tremula.

«Ouviu-se no quarto uma gargalhada sardonica.

«—Mas então não sabes que vaes morrer? replicou o demonio curvando-se sobre a cama do velho.

Não sabes que vae deixar a tua filha sem dote e sem marido?

«—Meu Deus! meu Deus! balbuciou Legoeello.

«Seguiram-se alguns momentos de silencio. Foi Satanaz o primeiro que fallou.

«—Queres a felicidade da tua filha? disse elle.

«—Por tal preço... não.

«—Pois bem! a tua Yvonne ha de ter uma longa vida de pobreza, de solidão, e de abandono!

«Demonio tentador!

«—Não, não insisto... Morre em paz; adeus!

«O infeliz Legoeello, fazendo sobre si proprio um violento esforço, exclamou:

«—Não partas... não partas, Satanaz! Pertence-te... dou-te a minha alma!

«E tão arrebatada e impetuosa fôra a sua agitação, o corpo lhe ficou pendente fôra da cama.

«Precisamente n'aquelle momento ouviu-se no corredor um ruido de passos. O diabo embrulhou rapidamente o enfermo no seu manto escarlate, e fugio com elle pela janella, na occasião em que a porta se abria para dar passagem ao medico e ao reitor, que chegavam juntamente com Yvonne...

«Como bem pode suppor-se, ficaram estupefactos e cheios de terror quando viram que Legoeello desapparecera, sem que se soubesse como nem por onde! Correram atravez de toda a povoação, e bateram em todas as portas, mas ninguem soube dar noticias do velho enfermo.

«Os mais timoratos habitantes da povoação fecharam-se em casa, e trancaram cuidadosamente todas as portas, ao passo que os mais ousados, e na frente d'elles o excellento René, corriam com lanternas em todas as direcções em busca de Legoeello.

«Em quanto isto se passava, surgiu de subito no meio da escuridão da noite um vulto, que correu rapidamente em direcção aos rochedos de Penmarc'h, era Yvonne que vira brilhar uma luz formosa e avermelhada sobre um d'esses rochedos...

«Sobre a povoação estava imminente uma tempestade, que, a julgar pela furia do vento e pelo negrume das nuvens, devia ser verdadeiramente tenebrosa. Depressa começaram a fuzilar os relampagos o trovão fez ouvir ao longe o seu surdo ribombar... Vós todas, que me escutaes, sabeis que, quando mesmo o tempo não está tempestuoso, o aspecto da nossa costa é sinistro e desolador... Os enormes collossos de granito, sobre que o mar vae quebrar as suas furias, e em redor dos quaes se veem, quando está baixa a maré, tantas ruínas, que datam talvez dos primitivos tempos da humanidade, apresentam um caracter de tristeza e de devastação, que impressiona mesmo aquelles que estão habituados a vel-os...

«Foi ahí, sobre o mais alcantilado penhasco, que Satanaz depôz o fardo, que levava sobre os hombros: o corpo inerte do pobre Legoeello desmaiado. O espirito das trevas batera com o pé na rocha, sobre a qual apparecera immediatamente um archote, que lançava nos ares uma luz formosa e avermelhada...

«—Onde estou eu? que me queres? perguntou o velho Legoeello, logo que readquiriu os sentidos.

«—Disseste-me ha pouco que me vendias a tua alma... respondeu a voz satânica do demonio tentador. Assigna este pacto, e terás os mil escudos para garantir a felicidade futura da tua filha...

«E fez um rasgão em um dos braços do velho com as encurvadas unhas. O sangue começou a correr em borbotões...

«—Vae-te! Deixa-me, Satanaz! balbuciou o desventurado Legoeello.

«—Assigna, e terá a tua filha uma existencia venturosa... abençoará sempre a tua memoria...

«—Filha!... minha querida filha!... murmurou o velho soluçando. Consinto... Dou-te a minha alma, Satanaz!

«O demonio metteu entre os dedos do velho um estylete, cuja ponta humedecera em sangue. Ao mesmo tempo levantou no ar o archote...

«Legoeello ia assignar a sua condemnação eterna, quando ouviu um grito dilacerante por entre os ruidos da tormenta.

«—Pae! pae... suspenda!...

«—Maldição! exclamou o demonio rangendo os dentes.

«—Filha!... filha querida!... bradou o velho debatendo-se, e indo cahir nos braços de Yvonne, que fôra atrahida para ali por um presentimento.

«—Atraz, espirito infernal! Vae-te, Satanaz! disse ella estreitando com violencia o pae de encontro ao coração, e fixando no demonio um olhar de resolução corajosa.

«Satanaz permaneceu indeciso durante alguns segundos; de subito porém agarrou no braço do moribundo, e bradou com expressão de raiva:

«—Assigna!

«—Não, não, respondeu Yvonne.

«—Assigna! repetiu Satanaz. Vae morrer; e deixarás a tua filha sósinha no mundo, sem amparo, sem protecção, sem esperanza... Nos teus rebanhos não existe uma cabeça unica, que se salve do terrivel flagello, que os tem dizimado.

«A pobre Yvonne fazia quanto em suas forças cabia para levar d'ali seu pae.

«—Fujamos! fujamos, pae! balbuciava ella com voz entrecortada.

«—Assigna! continuava o espirito das trevas raiosamente. A tua filha tem as forças esgotadas por effeito das vigilancias continuadas, e das amarguras cançadas pela tua doença e pelas tuas perdas... Vê como está pallida e abatida! As lagrimas teem-lhe amortecido o brilho dos olhos, teem-lhe apagado a frescura das faces, teem-lhe desbotado o carmin dos labios... D'aquí a pouco a tua filha será completamente destituida de formosura, e ninguem volverá casar com ella... O proprio René ha de voltar-lhe as costas... se amas a tua filha, assigna!

«—Se a amo! se a amo! exclamou o velho Legoeello com o peito ofegante.

«E seguidamente, fazendo um movimento convulsivo, ergueu a mão de subito para traçar o seu nome... O espirito tentador fazia retimir aos seus ouvidos uma bolsa cheia de dinheiro.

«—Veja o que faz, meu pae! disse Yvonne com voz angustiada. Vae assignar a minha sentença de morte!

«—Yvonne, respondeu o pobre velho: darás a René a mão de esposa, e serás feliz!

«—Nunca! Nunca! Não assigne meu pae! Não consentirei que assigne!

«E, ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras com intima angustia, tentava arrancar o estylete das mãos do velho; Satanaz, porém, agarrou-lhe furiosamente nos braços, e lançando nos ares uns uivos ferozes, que se ouviam acima do ruido das ondas e da tormenta, arremessou-a violentamente para longe do velho...

«—Assigna, homem sem coração, pae sem entranhas, que não queres resolver-te a sacrificar a tua alma, quando vês que a tua filha, que é uma debil creança, está prompta a sacrificar por ti a sua ventura, a sua vida! rugiu o demonio tentador. Ah! e dizes tu que amas a tua filha?! Não, não... Quem

ama é generoso, e tu és um egoista, um covarde!!

«Legoeello lançou mão da bolsa repleta de ouro, e começou a fazer a sua assignatura com mão tremula e mal segura. A pobre Yvonne, porém, correu para a extremidade dos penhascos.

«—E' inutil! exclamou ella, no auge da angustia. Não assigne, meu pae!

«E precipitou-se do alto dos rochedos para o mar. O pobre velho, vendo desapparecer a filha, soltou um grito agudo, e cahiu sem sentidos. O espirito das trevas lançou nos ares uma gargalhada estridente, e bradou

«—Ah! é minha a alma da donzella!

«—Pobre Yvonne! interrompeu uma das camponezas limpando duas lagrimas, grossas como punhos.

—Pobre Yvonne! repetiram algumas fiandeiras. Condemnara-se pelo suicidio ás pennas eternas!

A velha Jacquelina proseguiu com vós grave:

«Mas Deus é bom e misericordioso!... René, acompanhado pelos habitantes da povoação, tinha-se dirigido para os rochedos de Penmarc'h. Chegado que foi á praia, avistou um objecto branco, que fluctuava sobre as ondas irritadas. Á luz de um relampago reconheceu o corpo da pobre Yvonne. Seguindo os impulsos do coração, lançou-se corajosamente ao mar, e começou a lutar energicamente contra as vagas enfurecidas, despresando o perigo de ser despedaçado de encontro aos penhascos.

(Continua.)

ROSICLER

CULPADA

A culpa é tua. Dizes que eu sou louco e negas-me o futuro que idealiso! Pois olha que depende de bem pouco eu ter muito juizo.

Experimenta, e verás, ó minha fada. Quando eu passar, dá-me um olhar—a esperanza; e então verás, ó fulgida creança, que da minha loucura és tu culpada.

Sou louco, mas por ti! Quando te vejo —nem suppões o futuro que idealiso!— é um delirio, talvez um vão desejo! mas... só de ti depende eu ter juizo.

A' SESTA

São as horas da sesta; além nas eiras ha côros de sentidas alegrias, é a canção mimosa das ceifeiras palpitante de meigas harmonias.

Á sombra das ramadas oliveiras descança o gado; brandas elegias dizem os rouxinoes pelas balseiras; no entanto os homens sonham phantasias.

Silencio em derredor, cortado apenas pelas notas suaves e serenas do hymno das ceifeiras descuidadas:

é a sonhada paz inconsciente que se vae patenteando claramente no viver d'essas gentes ignoradas.

VICTOR NARCEU.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO
DONA EVORNIA

POR
LUCIANO BIART

VI

(Continuado de pag. 312)

Quando cheguei á praça de S. João de Deus, duas nuvens combinaram por tal forma a sua electricidade que uma mulher, que ia adeante de mim, prostrou-se de joelhos. Tirei o relógio; uma detonação secca abalou as montanhas. Ora, como o som percorre trezentos e quatrocentos metros por segundo pude calcular que o fluido electrico devia ter cahido a quatro mil e quinhentos metros do lugar, em que eu estava; mas onde? em que direcção? Os sentidos enganam, é preciso uma grande experiencia e educação para estar precavido contra o erro. A creanga, que quer apanhar a lua, não é um tolo nem idiota; e o olho ainda não experimentado apresenta-lhe o astro no mesmo plano com os seus brinquedos.

Evornia estava á minha espera; acheia-a um pouco excitada, um pouco nervosa.

Recebeu-me com aquelle gracioso abraço mexicano, que tanto me surpreendeu as primeiras vezes, que me foi dado. Sentámo-nos á meza; fomos servidos pela velha india, que eu tinha mandado para junto d'ella. Quantos mil cuidados e carinhos me foram dispensados durante aquella noite? Parecia que a pobre senhora queria pagar-me d'uma vez todos os serviços, que lhe eu tinha prestado, que admirava o esforço que eu ia tentar em seu favor, e desejava retribuil-o com antecedencia.

Depois do jantar, levou-me ao seu quarto, fez-me sentar n'uma grande poltrona, deitou a encantadora cabeça no meu joelho e principiou a fallar do passado. Que memoria! quantos factos esquecidos me trouxe ella á lembrança, sem contar com os hymenopteros tão fantasticamente classificados! Parece-me que fui eu quem lhe comprou a primeira boneca e essa em quanto foi viva, teve por nome Rita Bernagius.

Ao voltar das minhas herborisações, trazia sem-

sei que especie de encanto, fiquei profundamente commovido. Ella notou a minha commoção, não proseguio, e ficámos silenciosos.

A's dez horas quiz retirar-me, obrigou-me a ficar. Já não pullava, mas com a testa encostada ao meu joelho, parecia descansar. De longe em longe um suspiro, um tremor involuntario, febril. Julguei-a adormecida, e debrucei-me para me certificar.

— Não se mexa, doutor, exclamou ella; estou assim tão bem, que a minha vontade era ficar sempre aqui. Como eu lhe quero, meu amigo, meu unico, meu verdadeiro amigo! Confessei-lh'o muitas vezes? O doutor percebeu-o sempre? Quando eu era pequena estava sempre em sua casa, e para me fazerem zangar chamavam-me a senhora Bernagius. Só conseguia tornar-me orgulhosa. Se o doutor tivesse querido, eu tinha casado com o doutor.

Desatei a rir com esta ideia, lembrando-me do meu physico, do de Evornia, da sua idade, e da minha.

— Não ria, accudio ella, erguendo-se com vivacidade, faz-me mal ouvil-o rir.



AS COURAÇAS ENCHUMAÇADAS DOS MUSGOS-NEGROS

Um dia, atravessando com Ayotepetl (Tartaruga de pedra) as gargantas da Serra de Quichtlan, o echo repetiu um assobio, que fôra dado pelo celebre chefe.

— Allí está alguém, disse-me elle fazendo parar o cavallo, e olhando para mim desconfiado.

— Não está, respondi eu; foi o echo.

— Allí está alguém; repetiu imperiosamente; é um dos teus?

Dei-me ao trabalho de explicar-lhe que elle fôra enganado pelo assobio atravessando as camadas de ar e tendo ido de encontro a uma rocha, voltou-se até nós por um angulo de reflexão igual ao da incidencia.

O irascivel indio, acreditando n'uma traição ou furia por se ver desmentido, descarregou-me um socco que me fez ver — foi erro dos meus sentidos — uma chuva de estrellas muito semelhantes ás que produz a combinação do ferro com o oxigenio. O povo, observador sagaz, tem razão quando affirma que, nas experiencias d'este genero, o paciente vê trinta e seis luzes. Instigado pela dor e pela colera respondi á aggressão de Ayotepetl com uma chicotada que poz termo ás nossas boas relações, e aquelle homem das campinas morreu sem ter comprehendido o phenomeno do echo.

pre flores do campo para a minha querida amiguinha. Ella sabia os nomes, a ordem, a familia, a tribu d'essas flores. Fallou-me d'aquella hydrocotylea, a que o sabio Richárd deu o meu nome. Prevendo sem duvida a honra, que me estava reservada, dei pulos de contente, quando soube uma vez que a minha hydrocotylea estava inedita; cheguei a dansar, affirmava Evornia, e ella riu como perdida.

Fallou-me das minhas memorias, d'uns pobres que ella me pedia que visitasse.

Quem pretendia alguma coisa de mim, ia ter com ella. Eu dizia que não, e ella obrigava-me a obedecer sem eu dar por isso. Um dia puz o meu nome a um tucano; Evornia protestou, insurgiu-se, achava o passaro muito feio, com um bico enorme. Chrismei o tucano para dedicar á minha amiguinha uma colibri com as pennas de ouro, rubis, purpura, e esmeraldas—o *Evornia mirabilis*.

Apezar de não o ter ouvido desde creança, Evornia lembrava-se ainda da canção, com que eu a acalentava e adormecia de tempos a tempos. Talvez eu tambem fosse embalado com a mesma canção, porque não sabia onde nem quando a tinha aprendido. Ouvindo-a repentinamente cantarolada por Evornia, cuja pronuncia estrangeira e suave possuia, não

—E' já muito tarde, os seus nervos estão excitados pela trovoadá, e é necessario descansar, minha filha. Adeus!

—Adeus não, meu amigo; até á vista.

Mal cheguei a casa, a trovoadá, que se contivera tantas horas, descarrega finalmente sobre a cidade. Durante um largo espaço o vento, os trovões, a chuva desencadearam-se com furia medonha; não me lembrava de ter visto os elementos empenhados em tão accessa lucta no nosso valle ameno e pacifico. A pouco e pouco foi serenando o ruido, e a chuva continuou a cahir socegradamente. Adormeci pensando na defeza que eu tinha de fazer deante de Comonfort, e que devia ser commovedora, irresistivel.

São oito horas da manhã; acabo de receber ordem para verificar a morte de dona Evornia Aceval, que se suicidou hontem á meia noite!

Hei de revestir-me de coragem para o fazer; ella contava comigo quando me disse: Até á vista. Estou suffocado. Felizes os que podem chorar.

FIM